



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS**

MIKELLE VICTÓRIA MACÊDO OLIVEIRA DA PAZ

**LEITURA CRÍTICA DE *OS LUSÍADAS*: UMA ANÁLISE ACERCA DA VOZ
DISSONANTE DO PERSONAGEM BACO**

Recife
2025

MIKELLE VICTÓRIA MACÊDO OLIVEIRA DA PAZ

**LEITURA CRÍTICA DE *OS LUSÍADAS*: UMA ANÁLISE ACERCA DA VOZ
DISSONANTE DO PERSONAGEM BACO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de licenciatura em Letras - Português da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de graduação.

Orientador: Dr. Jonas Jefferson de Souza Leite

Recife
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Paz, Mikelle Victória Macêdo Oliveira da .

Leitura Crítica de Os Lusíadas: uma análise acerca da voz dissonante do personagem Baco / Mikelle Victória Macêdo Oliveira da Paz. - Recife, 2025. 42 p.

Orientador(a): Jonas Jefferson de Souza Leite

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Os Lusíadas. 2. Leitura crítica. 3. Baco. 4. Decolonialidade. I. Leite, Jonas Jefferson de Souza. (Orientação). II. Título.

860 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Essa primeira parte não poderia ser diferente, se não, começar agradecendo a Deus por toda sua graça para comigo.

Aos meus estimados pais, Ione e Miguel, que sempre se esforçaram em prol da minha educação, me incentivaram e acreditaram em mim. Sou profundamente grata por tudo que vocês representaram e representam em minha vida.

À minha avó Ione, responsável por incentivar meu gosto pela leitura, agradeço por todos os livros e sorrisos amáveis que me entregou.

Ao meu amado esposo, Isaac, expresso minha mais sincera gratidão por todo amor e parceria nos momentos difíceis. Sou eternamente grata por ter você ao meu lado.

À minha amiga Luiza, que, mesmo distante, se fez presente, agradeço pelas orações e torcida. Sua presença, ainda que virtual, é uma dádiva.

À minha professora do ensino fundamental, Raquel, minha primeira inspiração; suas palavras e competência deixaram uma marca indeletável em meu coração.

Ao meu professor de português do ensino médio, Wilson, que me inspirou a enxergar a beleza do ato de lecionar. Obrigada, meu capitão.

Ao meu querido professor orientador, Jonas Leite, pela orientação fundamental, por ser tamanha inspiração acadêmica, pela paciência e disponibilidade. Saiba que levarei os valorosos ensinamentos que compartilhou comigo para sempre.

Aos meus primeiros amigos da graduação: Jairo e Gabryella, pelo apoio e por sempre me incentivarem quando eu mesma não acreditava.

Ao meu caótico grupinho da graduação: Monique, Jairo, Gabryella, Rafael, Bruna e Izael, que foram o suporte indispensável e responsáveis pelas melhores risadas.

Agradecimento especial à Gabryella Gomes por toda parceria na amizade e nos trabalhos acadêmicos.

À minha parceira Taynan, que compartilhou comigo doces sorrisos e a paixão pela literatura portuguesa.

À professora Raíra Maia, agradeço pela disposição em integrar a banca avaliadora do meu trabalho nesse momento tão importante da minha jornada acadêmica.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,/ Muda-se o ser, muda-se a
confiança:/ Todo o mundo é composto de mudança,/ Tomando sempre novas
qualidades.” (Camões, 2019, p.86)

RESUMO

O presente trabalho pretende desenvolver, por meio de uma leitura crítica do livro *Os Lusíadas* (2024), do escritor português Luís Vaz de Camões, a possibilidade de reinterpretar a função do personagem Baco. Em congruência com as ideias de Nóbrega (2012), pretendemos analisar a possibilidade de observá-lo como potencial expositor de criticidade frente ao processo brutal da colonização portuguesa. Dito isso, para gerar essa compreensão, abordaremos, durante o texto, as ambiguidades que permeiam a história do deus do vinho, que contribuem com a atribuição de outra função para o seu personagem. Neste estudo, também fundamentaremos nossas análises com base em Bernardes (2022), Marchant (1943), Mignolo (2019), Moisés (1981) Saraiva (2001) e Silva (2012). Por esse viés, torna-se possível elucidar a figura de Baco como um símbolo de decolonialidade, pois, através dele, é possível conhecer os impactos das navegações nas colônias portuguesas. Dessa maneira, a partir do nosso ponto de vista, o personagem não representa apenas a função de opositor no poema épico. Logo, a ambiguidade do deus, em conjunto com dissonância do personagem, pode possibilitar, nessa leitura, a exposição do processo de devastação causada pelos lusitanos às colônias durante as navegações.

Palavras-chave: Decolonialidade; Baco; *Os Lusíadas*.

ABSTRACT

This paper aims to develop, through a critical reading of the book *Os Lusíadas* (2024), by Portuguese writer Luis Vaz de Camões, the possibility of reinterpreting the role of the character Bacchus. In line with the ideas of Nobrega (2012), we intend to analyze the possibility of observing him as a potential exponent of criticism in the face of the brutal process of Portuguese colonization. That said, to generate this understanding, we will address, throughout the text, the ambiguities that permeate the story of the god of wine, which contribute to the attribution of another function to his character. In this study, we will also base our analyses on Bernardes (2022), Marchant (1943), Mignolo (2019), Moises (1981), Saraiva (2001), and Silva (2012). From this perspective, it becomes possible to elucidate the figure of Bacchus as a symbol of decoloniality, as through him, we can understand the impact of navigation on the Portuguese colonies. Thus, from our perspective, the character does not merely represent the role of villain in the epic poem. Therefore, the god's ambiguity, combined with the character's dissonance, may enable, in this reading, the exposure of the devastation caused by the Portuguese to the colonies during their navigation.

Keywords: Decoloniality; Baco; *Os Lusíadas*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OS <i>LUSÍADAS</i>: ESTRUTURA E OUTRAS POTENCIAIS INTERPRETAÇÕES	10
3. BACO, O DEUS AMBÍGUO	19
4. CAMÕES POETA CONSCIENTE	25
4.1 Outra leitura para Baco em <i>Os Lusíadas</i>: sua voz dissonante como potencial expositora de decolonialidade	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38

1. INTRODUÇÃO

O poema épico *Os Lusíadas* foi escrito por um dos mais importantes poetas da literatura portuguesa, Luís Vaz de Camões. Nascido em 1524, em Lisboa, vivenciou experiências e dificuldades, como o exílio e viagens marítimas ao longo de sua vida, que influenciaram sua maneira de escrever o poema.

Sua principal obra, *Os Lusíadas*, publicada no ano de 1572, composta por versos decassílabos (com dez sílabas poéticas), é um livro considerado uma das obras mais notáveis e importantes da literatura portuguesa. Além do traço épico, o livro é fortemente marcado por características típicas da literatura clássica. Por exemplo, o momento pelo qual o poeta pede inspiração às musas por meio da invocação para contar da maneira mais honrosa, a história da navegação dos portugueses.

A divisão do poema foi feita por meio de dez cantos que narram o tema central: os acontecimentos da primeira viagem de Vasco da Gama e seus companheiros, os nautas portugueses, pelas águas do ainda desconhecido mar a caminho das Índias, durante as explorações marítimas lusitanas do século XVI.

O livro apresenta dois planos: o mítico, que trata da comédia dos deuses, e o histórico, dividido entre a narração da história de Portugal e a travessia marítima de Vasco da Gama. A escolha dual de Camões, pelo uso de dois planos, reforça sua perspicácia para construir um poema que prenda a atenção do leitor, de modo que não se torne fatigante e que não se limite apenas à descrição do conteúdo histórico de Portugal. O autor, por meio da sua extraordinária eloquência, cria um ambiente propício e instigante à curiosidade do leitor. Através da comédia dos deuses, o poema aborda elementos míticos, como os deuses do Olimpo, e alegóricos, como o gigante Adamastor, os quais são responsáveis por engrandecer a obra. Os personagens do plano mítico são divididos como contrários, como o deus Baco, ou concordantes à travessia, como a deusa Vénus.

O autor explora de maneira eficaz a presença de dois planos: o mítico e o histórico; e, mesmo quando deseja se apegar ao plano histórico, a narração não acontece por meio de mera descrição de informações. Em vista disso, o autor utiliza por exemplo, a curiosidade do rei de Melinde durante a conversa com o capitão

Vasco da Gama, presente no canto segundo, como estratégia argumentativa para possibilitar que a narração da navegação seja feita de maneira a envolver o leitor:

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais distintamente;
E assim de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente,
Co'os sucessos das guerras do começo,
Que, sem sabê-las, sei que são de preço.
(Camões, 2024, p. 71).

Assim, o autor provoca a curiosidade sobre as informações do reino, clima, desafios da viagem, com o objetivo de louvar os feitos portugueses. Nessa leitura mais usual, o autor parece narrar cada acontecimento apenas engrandecendo a coragem e a força lusitana; porém, por meio de outro ponto de vista, que não foque apenas em Portugal, junto de um olhar atento destinado à vida do autor, que o induz a utilizar Baco como um personagem crítico. Por isso, através das atitudes dissonantes do deus, surge a possibilidade de uma leitura crítica. Sendo esse o principal objetivo do texto, expor que a voz dissonante de Baco pode exibir também a consciência do autor, o qual consideramos ser uma maneira factível de interpretar o poema. Para tornar possível a interpretação crítica, empregaremos as ideias de Nóbrega (2012) como base argumentativa para apresentar Baco como passível expositor da criticidade de Camões. Além disso, recorreremos às ideias de Mignolo (2019) para abordar as questões decoloniais, assim como Saraiva (2001), que contribuirá com a compreensão de como as vivências do autor impactaram sua maneira de escrever. Por fim, Moisés (1981), oferecerá a compreensão do panorama da escrita camoniana e da duplicidade presente no poema épico.

O livro revela os principais interesses do império português, que desejava alargar o império e expandir a fé católica, tendo em vista que o objetivo do rei Manuel I de Portugal, além de incentivar o descobrimento de uma nova rota às Índias, era também propagar a fé católica em outros lugares. À medida que os lusitanos avançam no mar, o livro descreve as diversas dificuldades que eles enfrentam para chegar à Índia, como por exemplo, os grandes perigos presentes no Cabo das Tormentas, curva da África repleta de rochedos, alegorizado pelo terrível gigante Adamastor.

Durante a leitura de cada canto, pode-se encontrar temas como: os desafios da navegação, o encontro com outros povos de diferentes culturas, a saída das embarcações de Portugal em conjunto com todo o seu peso emocional da despedida e a narração da grandiosa recompensa: a ínsula dos amores, lugar preparado por Vénus para satisfazer por completo os navegantes vencedores, com prazeres para o corpo: como comida e sexo, e prazeres da razão: o conhecimento. Neste texto, tentamos mostrar que o livro também é uma tentativa de chamado à reflexão.

Os Lusíadas é um poema épico, longo e heterogêneo, no qual o poeta o embebe de acordo com a “a sua longa e variada experiência em termos filosóficos e religiosos correntes na época” (Saraiva, 2001, p. 319). O seu discurso se revela atravessado por influências pessoais e também questões dogmáticas que pairavam fortemente durante a época. Dito isso, o mesmo livro responsável por narrar e louvar os feitos lusitanos, por meio da heterogeneidade, pode dar espaço também para o desejo de Camões de expressar críticas à sua condição, às ambições lusitanas e as consequências causadas pelas buscas dessas conquistas. Por essa razão, durante a leitura de *Os Lusíadas*, múltiplas possibilidades de leitura podem se revelar.

O trabalho será dividido em três eixos de análise. Primeiramente, iremos ponderar como a leitura de *Os Lusíadas* pode gerar outras interpretações, em especial na nossa perspectiva: a decolonial. Em seguida, apresentaremos as características ambíguas de Baco, as quais são responsáveis por colaborar com a possibilidade de ser utilizado em outra função, além de opositor. Posteriormente, examinaremos Camões como um poeta consciente, que utiliza Baco para expor sua consciência crítica. Por conseguinte, nosso objetivo é demonstrar a possibilidade de outras interpretações que se apresentam possíveis durante a leitura.

2. OS *LUSÍADAS*: ESTRUTURA E OUTRAS POTENCIAIS INTERPRETAÇÕES

A estrutura de *Os Lusíadas* é organizada em dez cantos, compostos por versos decassílabos que adotam a rima abababcc; ou seja, o primeiro verso rima com o terceiro e quinto, o segundo com o quarto, e os dois últimos versos, rimam entre si.

O canto primeiro aborda, inicialmente, a proposição que busca apresentar o principal foco do livro: os feitos dos navegantes durante a ida à Índia. O poeta pede inspiração e estilo imponente às tágides, a fim de que, durante sua escrita, não apresente brandura, mas, assim, glorifique todos os feitos lusitanos, isso caso tão grande valor caiba nos seus versos:

Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.
(Camões, 2024, p. 18).

Ainda no canto primeiro, é descrita a convocação de Júpiter a todos os deuses que compareçam ao concílio, onde será decidido o futuro dos portugueses que estavam navegando no mar. Durante o concílio, se destacam Baco, contrário à travessia, e Vénus, a favor da travessia lusitana.

No canto segundo o autor descreve o convite que o rei de Mombaça fez aos nautas para que entrassem no porto de suas terras. O capitão Gama, um homem prudente, enviou dois navegantes para conhecer o lugar. Contudo, essa atitude cautelosa não os protege dos perigos que os esperam, pois encontram Baco, seu principal opositor, disfarçado de sacerdote cristão, cena que motiva os dois navegantes a ver com bons olhos o povo de Mombaça. Porém, Baco instiga desconfiança nos moiros, que armam uma emboscada. Vénus intervém salva os navegantes; no entanto, o capitão agradece a Deus.

Em seguida, narra a chegada a Melinde; essa, porém, diferente da anterior, é uma recepção afetuosa do rei e do povo, que se interessam em ouvir a história de Portugal e a narração dos perigos da navegação. O poeta invoca Calíope, musa da

eloquência e da poesia épica, para expressar da melhor forma, a história dos navegantes e a história de Portugal. Nessa instância, é possível também observar que o poeta apresenta forte apreço pela mitologia:

**Agora tu, Calíope, me ensina
O que contou ao Rei o ilustre Gama:
Inspira imortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.**
Assim o claro inventor da Medicina,
De quem Orfeu pariste, ó linda Dama,
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe,
Te negue o amor devido, como soe.
(Camões, 2024, p. 73, grifos nossos).

O Canto terceiro é principalmente marcado pela descrição da história de Portugal. Vasco narra a formação do país a partir da batalha conhecida como o milagre de Ourique, travada pelo pequeno exército português, liderado pelo príncipe Afonso, contra o grande exército de cinco reis Mouros. Durante a batalha, Cristo aparece no céu como símbolo para que confiassem, pois venceriam a batalha. Ao testemunhar esse acontecimento divino, D. Afonso, o futuro primeiro rei de Portugal, demonstra toda sua fé ao afirmar que Cristo deveria aparecer para aqueles que não creem, pois ele já confiava no seu amparo divino:

A matutina luz serena e fria,
As estrelas do Pólo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Ele, adorando quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado assim gritava:
— "Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mim, que creio o que podeis!"
(Camões, 2024, p. 83-84).

O milagre de Ourique também explica os cinco escudos presentes no brasão bandeira de Portugal. Ao decorrer do canto terceiro, Vasco segue narrando ao rei de Melinde sobre os feitos dos reis da primeira dinastia, como D. Afonso Henriques a D. Fernando, com destaque para a história do assassinato de Inês de Castro, amante de D. Pedro.

O próximo canto, o quarto, apresenta a continuidade da história dos portugueses, falando sobre a dinastia de Avis, que teve seu início após a batalha de Aljubarrota, que garantiu a independência de Portugal, liderada por D. João I. O canto quarto também é marcado por uma figura crítica importante: o velho do

Restelo, figura responsável por expor que as explorações marítimas não passavam de cobiça e desejo imprudente por glórias.

Os principais acontecimentos do canto quinto são: a saída das embarcações no dia 8 de Julho de 1497, e a presença de uma mitologia própria: o gigante Adamastor, que é a personificação do Cabo das Tormentas e seus perigos. O gigante é vencido por uma simples pergunta feita pelo capitão: “quem és tu?”, simbolizando que o conhecimento foi o responsável pela vitória. Tendo em vista que após a pergunta, o gigante lembra que é vítima do amor e se retira chorando, pois está nessa condição motivado pela sua paixão por Téthys. É necessário entender que o gigante é a personificação do Cabo das Tormentas e, por isso, seu choro deve ser entendido como uma chuva, que desfaz a tempestade.

Posteriormente, o canto sexto é marcado pela saída dos portugueses de Melinde, acompanhados por um piloto que iria conduzi-los à Índia. Baco, insatisfeito com o sucesso dos portugueses, desce ao reino úmido para convencer Netuno a ajudá-lo a impedir a navegação, o deus do mar concorda. Por isso, os marinheiros são atingidos por uma violenta tempestade criada por Éolo, deus dos ventos. Novamente, a deusa do amor protege os navegantes e convoca as nereidas, que seduzem os ventos e os acalmam. Dessa forma, os navegantes conseguem manter a viagem até Calecute.

O Canto sétimo, conhecido por anticlímax, narra a chegada a Calecute, no qual o principal acontecimento é a visita do Mouro Monçaide ao navio português e o convite de Monçaide para que conheçam a cidade. O catual, por recomendação de Monçaide, visita também a embarcação e demonstra curiosidade sobre as bandeiras de Portugal. Por isso, Camões invoca as musas do Mondego e Tejo para pedir inspiração e também utiliza o canto para se queixar das suas desgraças e da ingratidão daqueles que louva durante o livro.

No canto oitavo, Paulo da Gama, irmão do capitão, conta ao catual sobre diversas figuras portuguesas, como Viriato, D. Henrique, D. Afonso, entre outros. Esse canto é marcado também pela presença de arúspices que observam sinais nas vísceras dos animais, que os portugueses trazem destruição e cativo. Após isso, aparece Baco como Maomé nos sonhos de um sacerdote e instiga-lhe desconfiança, pois Baco diz que aquele povo é perigoso. Por fim, o capitão é preso e, troca mercadorias das embarcações pela sua liberdade.

No próximo canto, os navegantes conseguem, finalmente, se desvincular dos perigos que o samorim planejava, por meio da ajuda de Monçaide, que avisa sobre as suas más intenções. Finalmente, se inicia o clímax do livro: a chegada dos navegantes à Ínsula dos Amores, ilha que Vénus deu como presente aos navegantes.

Por fim, no último canto, o décimo, na Ilha dos Amores, os portugueses encontram ninfas que já estavam apaixonadas por eles. Na ilha, são supridos por todos os prazeres que o ser humano necessita. O livro, apesar de ser épico, finaliza-se com lamentações e queixas do autor, que levava uma vida difícil e observava seu país com grande desânimo, pois seus desabafos não seriam ouvidos pelo seu povo.

Em vista do desenvolvimento da criticidade do autor durante o poema, pode-se possivelmente notar coerência nos argumentos de Baco, quando ele argumenta, a partir do mesmo ponto de vista, repetitivamente, que os navegantes são ladrões e mentirosos. A partir desse comportamento, uma potencial leitura decolonial pode surgir. Por isso, o presente texto pretende abordar a possibilidade de encontrá-la por meio do personagem Baco, enxergando-o como componente expositivo de ideias decoloniais. Contudo, antes de qualquer análise, é importante frisar que o livro não foi feito nessa intenção de fazer denúncias à colonização; porém, esse é um dos caminhos possíveis pelos quais acreditamos ser possível compreender *Os Lusíadas*.

Precipualemente, para perceber a possível leitura decolonial, é necessário compreender o que Saraiva (2001) apontou ao exprimir que as obras de Camões articulam-se com as diferentes fases da sua vida. Ao focar nisso, compreende-se que por esse motivo, a épica se revela heterogênea, pois revela que os variados conhecimentos adquiridos pelo autor ao longo de sua vida, como o náutico e o militar, que também foram responsáveis por influenciar a sua voz poética. Dessa maneira, o livro não representa apenas louvores aos feitos lusitanos, mas também exhibe insatisfações, experiências pessoais e percepções do poeta. Durante o desenvolvimento do livro, o poeta apresenta as suas percepções e angústias sobre os sofrimentos da condição humana, não apenas das que marcaram sua vida, mas também das inquietações dos outros. Por esse motivo, sua escrita é complexa, pois, na mesma medida que se apresenta épica para representar os feitos lusitanos, permite a possibilidade de outras interpretações.

Em vista disso, Moisés, discorre sobre a origem da poesia camoniana, as inquietações que lhe assolavam o espírito e que se revelavam na sua maneira de escrever:

Nasce daí uma poesia que espelha a confissão duma torturada vida interior, referta de paradoxos e incertezas, a reflexão em torno dos magnos problemas que lhe assolavam o espírito, não só provocados por suas vivências pessoais mas da tomada de consciência duma espécie de inquietação universal, em que todos os homens estivessem imersos (Moisés, 1981, p. 69).

Por ser um poeta sensível e consciente, distante das glórias que tanto narra, o autor expressa em *Os Lusíadas* a sua criticidade. Segundo Nóbrega (2012), Camões é um poeta desprezado e marginalizado:

Excluído dos círculos intelectuais que frequentavam o Paço, encarcerado na prisão do Tronco, era já um poeta marginal quando vivia em Lisboa; sua partida para a Índia, na condição de reles soldado, como já se tem observado, foi uma espécie de degredo, um expurgo mal disfarçado (Nóbrega, 2012, p. 38).

Familiarizado com os desafios, Camões transformou sua experiência na Índia em sua tentativa de redenção. Apesar da condição complicada em que se encontrava, como soldado de pouco valor, tratou de aprender sobre a vasta variedade cultural que encontrou e de escrever a partir dos conhecimentos adquiridos na Índia, o livro que se tornaria uma das obras mais importantes da literatura portuguesa. A sua passagem na Índia influenciou seu conhecimento, permitindo mencioná-la com propriedade no poema.

A narração dos perigos vivenciados pelos nautas portugueses durante a navegação se desenvolve *in media res*, que significa no meio das coisas; pois, antes de abordar propriamente os desafios da navegação, trata-se do concílio dos deuses. Por esse motivo, o relato da navegação e da história de Portugal tem início apenas no canto terceiro. Bernardes (2022), aborda como essa estrutura se aproxima de Virgílio e Horácio, e revela as características de um poema que incorpora múltiplos princípios:

Os Lusíadas são um poema de vários princípios: logo na primeira estância, a Proposição assinala o começo retórico do discurso; há depois o início da narração da viagem, colocado *in medias res* (I, 19), segundo o exemplo de Virgílio e o preceito de Horácio; a intriga mitológica começa a ganhar contornos logo na estância seguinte, com o Consílio dos Deuses; chega, por fim, a vez de o Gama abrir a última grande linha de discurso e de ação,

contando a história de Portugal ao Rei de Melinde (III, 3). (Bernardes, 2022, p.120).

Os múltiplos caminhos escolhidos por Camões para orientar a lógica e a harmonia da épica, contribuem com a construção de um livro multifacetado e isso possibilita o principal objetivo do trabalho, compreender uma leitura menos usual.

Ao decorrer do livro, a astúcia e inteligência de Camões podem ser claramente percebidas. Pode-se citar como exemplo, a maneira que ele narra a chegada dos portugueses à Índia, a qual cria a expectativa no leitor que ocorra o clímax da história, tendo em vista que todo o esforço e empecilhos foram ultrapassados. Contudo, o ápice ocorre com a chegada dos navegantes à ínsula dos amores no décimo e último canto. Isso chama a atenção do leitor para o momento que Camões deseja, pois, nesse mesmo canto, é informado que a presença de seres mitológicos e deuses servem apenas para fazer versos deleitosos.

Essa escolha de Camões vale destaque e revela sua sabedoria para ter seu livro publicado. O poeta utiliza uma conversa entre o capitão Vasco da Gama e a ninfa Téthis, com o objetivo de mostrar à Igreja Católica que a presença dos deuses era apenas fictícia. Durante o diálogo, é mostrado a miniatura do mundo ao capitão Gama e apenas as informações que a ninfa é capaz de mostrar, pois existiam conteúdos que eram acessíveis e compreensíveis apenas para Deus, a figura de supremacia da Igreja Católica, “É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,/ Que a tanto o engenho humano não se estende.” (Camões, 2024, p 262).

O mesmo conteúdo pode ser encontrado no décimo canto, no qual o autor apresenta os deuses como ferramentas úteis apenas para engrandecer a história fabulosamente:

Aqui, só verdadeiros, gloriosos
 Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só pera fazer versos deleitosos
 Servimos; e, se mais o trato humano
 Nos pode dar, é só que o nome nosso
 Nestas estrelas pôs o engenho vosso.
 (Camões, 2024, p. 262, grifos nosso).

O poeta parece, de certa forma, tentar destacar o Deus cristão com o objetivo de persuadir a igreja a aprovar a publicação de sua obra. Essa estância também pode ser responsável por gerar interpretações ambíguas, a depender do tipo de

leitor, pois a coexistência da religião cristã e de deuses míticos no mesmo poema, pode gerar interpretações heterogêneas. Pode-se então observar duas interpretações: que a escolha de Camões objetivava meramente uma tentativa de fuga da censura da Igreja Católica ou considerar a presença dos deuses como mero adorno. Como no caso da leitura feita pelo Frei Bartolomeu Ferreira representante do Parecer do censor do Santo Ofício, presente nas primeiras páginas de *Os Lusíadas* (2024), que considerou a utilidade do plano mítico apenas como um adorno para a história e que sua utilidade unicamente servia apenas para produzir bons versos:

Vi por mandado da Santa e Geral Inquisição estes dez Cantos dos *Lusíadas* de Luís de Camões, dos valorosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Ásia e Europa, e não achei neles coisa alguma escandalosa, nem contrária à fé e bons costumes, somente me pareceu que era necessário advertir os leitores que o Autor, para encarecer a dificuldade da navegação e entrada dos portugueses na Índia, usa de uma ficção dos deuses dos Gentios. [...] Todavia como isto é Poesia e fingimento, e o Autor como poeta, não pretende mais que ornar o estilo poético [...] E por isso me pareceu um livro digno de se imprimir, e o Autor mostra nele muito engenho e muita erudição nas ciências humanas [...] (Ferreira, 2024, p.13).

De acordo com Saraiva: “Parece-me coisa evidente que uma das funções desta comédia dos deuses é dar uma unidade dramática, ou de acção, a *Os Lusíadas*, salvando-os os de serem uma mera sequência rimada de sucessos sem sentido conjunto.” (Saraiva, 1972, p.123) Nota-se que a leitura de Saraiva (1972), converge com a leitura feita pelo Frei.

Em função disso, a depender do leitor, pode-se observar a explicação de Téthis como uma fuga da censura ou apenas como apenas uma forma de engrandecer o poema. Independente da maneira, Camões não parece apenas usar as palavras, mas dominá-las perfeitamente, permitindo a possibilidade de dubiedade durante a leitura. O autor não só apresenta a capacidade de narrar uma história tão longa em sonetos e rimas, mas também exhibe a sagacidade de utilizar sua narração de forma que gere leituras ambíguas. Isso possibilita que ele fale o que deseja, mesmo que de maneira cifrada, e ainda tenha livro crítico publicado, de modo que, mesmo com a presença de deuses que não pertencem ao catolicismo, estes possam ter sido aprovados pela igreja católica e pelo rei, em um momento que a igreja e o rei ainda detinham um poder considerável.

Por meio da capacidade eloquente de Camões, é possível observar que o livro explora uma grande variedade de temas que vão além da narração da aventura marítima e glória das conquistas lusitanas. Por esse motivo, *Os Lusíadas* se apresenta ainda como um livro atual, uma vez que o texto transcende o relato histórico. O livro não é apenas um simples relato da brava navegação dos navegadores portugueses, mas uma obra que permite análises profundas e complexas, como, por exemplo, as questões sociais e consequências da exploração e colonização exibidas através de Baco.

Por esse motivo, o livro permanece relevante não só como a leitura importante de um clássico da literatura portuguesa, mas também porque a obra é repleta de profundidade de sentidos, e, por isso, a depender da estância, pode-se logicamente encontrar o louvor às conquistas portuguesas, mas também desabaços críticos do autor.

Desse modo, observando a capacidade argumentativa do autor e a maneira pela qual o livro apresenta criticidade, surge a possibilidade de fazer uma leitura decolonial; ou seja, observar as situações desfavoráveis que aconteceram nas colônias a partir dos comentários de Baco. Para compreender de forma crítica é necessário notar a duplicidade escondida no discurso camoniano que envolve o poema épico, ou seja, compreender que existe um discurso que contradiz o outro, para Nóbrega:

Quer isto dizer que, havendo n' *Os Lusíadas* uma duplicidade discursiva, o segundo discurso, que contradiz o primeiro, constitui-se de uma carga pulsional de caráter afetivo (raiva, tristeza, revolta, indignação), e de uma dissidência de ordem filosófica e político-ideológica; esta última, ainda mais que a primeira, forçosamente dissimulada (Nóbrega, 2012, p. 37).

Posto isso, inspirados pelas ideias de Nóbrega (2012), pretendemos sugerir uma leitura que não seja sustentada apenas através da valorização da nação lusitana, mas que, através da duplicidade presente no texto, seja possível observar a realidade das colônias de Portugal. Dessa maneira, é viável apresentar Baco como o representante de criticidade frente ao processo da colonização portuguesa, para que seja possível fazer uma leitura decolonial de *Os Lusíadas*.

Analisar a obra a partir de um ponto de vista fora do convencional se faz indispensável, e se faz possível ao observar toda ambiguidade que rodeia o personagem Baco, sem, contudo, ir além dos limites interpretativos impostos pelo texto.

3. BACO, O DEUS AMBÍGUO

A ambiguidade e a dissonância que permeia o personagem, Baco, deus do vinho, pode estar fortemente relacionada à consciência dissonante que Camões desejava manifestar. Por isso, a obra *Camoniana* pode ser vista como pelo que chamou Moisés (1981), de “condão dúplice”, pois constituía um retrato feliz da visão do mundo e dos homens, mas também a sincera expressão do momento pelo qual Portugal estava passando atingindo um marco importante, o ápice da sua evolução e de conquistas. Dito isso, a duplicidade da obra está na sua capacidade de apresentar o relato de um momento grandioso de Portugal, por meio da narração de suas conquistas, enquanto, retrata também introspecções profundas das condições humanas, tornando-a uma obra rica e multifacetada.

Diante do exposto, na tentativa de manifestar a sua consciência, a qual apesar de idolatrar a pátria também notava suas falhas, Camões escolhe um deus multifacetado, que pode apresentar um papel versátil, ou seja, representar o opositor da obra, mas também passível de exibir criticidade. A ambiguidade do deus do vinho está presente desde o início de sua história, em congruência com Bulfinch (2010), sua árvore genealógica era composta pela mãe mortal, Sêmele e o deus Júpiter, seu pai. O seu desenvolvimento fetal também é marcado pela dualidade. Dado que Juno, mulher de Júpiter, enciumada com a relação amorosa e a gestação, induziu Sêmele a pedir a Júpiter para mostrar-lhe suas vestes de grande esplendor. O pai dos deuses, antes de ouvir o pedido, promete satisfazê-lo e jura pelo Rio Estige, juramento pelo qual os deuses, de maneira nenhuma, os deuses podem se atrever a descumprir. Dessa maneira, o deus se vê forçado a atender o pedido de Sêmele, que, ao fitar as vestes divinas, é transformada em cinzas pelas labaredas e a radiação imortal, pois os olhos humanos não poderiam, de forma alguma, contemplar sem trágicas consequências.

Dessa fatalidade, surgiu a necessidade de Júpiter continuar a gestação de Baco; por isso, costurou-o em sua coxa até que finalizado fosse o período da sua formação fetal, pois, apesar do acontecimento com sua mãe, o pequeno feto sobreviveu. De acordo com Silva (2012), Júpiter o retira da perna e o nomeia por Baco ou Dionísios (nome grego do deus) que significa “o filho de duas mães”. Em *Os Lusíadas* a informação sobre a gestação inusitada está presente no canto primeiro e utiliza-se do termo “Que da paternal coxa foi nascido” e pode ser

interpretada como a exposição da história de Baco, também como uma tentativa sutil do autor de mostrar suas características ambíguas do deus.

Até mesmo a criação de Baco contribui com a construção de suas características ambíguas, uma vez que as informações disponíveis são rodeadas por incertezas. Após seu nascimento, de acordo com Silva (2012), Júpiter, a fim de livrá-lo do desejo de vingança de Juno, optou por entregar a criança a Hermes, que, por sua vez, segundo alguns mitógrafos, entregou-o a Ino, irmã de Sêmele, ou, de acordo com outras narrativas, foi entregue às ninfas de Nisa. A história de Baco parece ser vaga e imprecisa, características que foram fortemente aproveitadas por Camões para a construção da exposição da sua criticidade. Levando em consideração que um personagem assim poderia ser aproveitado para cumprir uma função para além da de antagonista, sua utilidade também pode ser explorada para expor a consciência crítica do autor.

Uma outra particularidade que representa a pluralidade acerca da história de Baco é a grande variedade e transformação de seus nomes, a onomástica. Conforme o site Dicionário de nomes próprios: significado dos nomes (2025), o nome Baco: “tem origem no nome grego *Bacchus*, *Bakchos*, que deriva do termo *iacho*, que quer dizer gritar”, significado que pode revelar o caráter impulsivo do deus em não aceitar nem a determinação do Fado. Enquanto o nome Dionísio³, tem origem no grego *Dionysios*, composto pelos elementos *dyu*, que quer dizer “céu, espírito, dia” e *nisa* “noite, água”, sendo assim, Dionísio também pode significar “espírito das águas”, “o céu e as águas”, “dia e noite” que também revela elementos contrários como a dualidade do dia e da noite. Segundo Silva (2012), o nome Lieu significa o que relaxa: Brómio, aquele que ruge; Tioneu, o filho de Tione; Leneu, o dos lagares; Niseu, aquele que foi criado pelas ninfas de Nisa; Nictélio, o noturno; Tebano, por ser neto de Cadmo e também pela sua sua mãe que era tebana; *Liber* ou *Liber Pater*, relacionado à antiga divindade itálica associado com a vinha. Ou seja, prova-se mais uma vez que Baco é um deus multifacetado e complexo, por isso cabe aqui enxergar as vastas possibilidades de seu uso. Alguns dos nomes citados foram utilizados por Camões, em *Os Lusíadas*, para se referir a Baco; isso revela o pleno conhecimento do autor sobre as mitologias de Baco. Dentre os nomes citados, o autor utiliza Lieu, Tebano e Tioneu.

O personagem Baco é indiscutivelmente fragmentado; em certas ocasiões revela inveja, outras vezes, críticas. O autor aproveita a posição do personagem

como deus para explorar as multiplicidades e contradições das suas ações. De acordo com Saraiva:

[...] deuses e que são os seres voláteis, impressionáveis, levianos e incertos. [...] os deuses, criaturas apaixonadíssimas, intrigantes e ciumentas, que não se importam muito com o ridículo das situações e capazes de descer a ações pouco heroicas, podiam suprir a impavidez dos homens da história. Camões serviu-se deles para o enredo de seu poema (Saraiva, 1972, p. 128).

Sobre a personalidade de Baco como seu personagem, Camões apresenta duas possíveis leituras: na primeira, e mais usual, entrega-lhe uma imagem meramente negativa; na segunda crítica. Além das características dúbias mencionadas, as quais Camões se aproveita muito bem para gerar possíveis leituras ambíguas, de modo que, assim, seja possível utilizá-lo também como expositor de criticidade. Na sua primeira aparição, Baco é o personagem que se coloca contrário ao sucesso da viagem. No concílio dos deuses, localizado no Olimpo, monte que moravam os deuses que governavam a humanidade, foi feita a reunião para decidir sobre o futuro do Oriente, informação presente no canto primeiro: “Onde o governo está da humana gente,/ Se ajuntam em concílio glorioso/ Sobre as cousas futuras do Oriente.” (Camões, 2024, p. 22).

Durante o concílio, o mais poderoso dentre os deuses, Júpiter, informa no canto primeiro, o irrevogável futuro glorioso dos portugueses, de modo que seriam esquecidos os grandes feitos de outros povos: “[...] Se do grande valor da forte gente/ De Luso não perdeis o pensamento,/ Deveis de ter sabido claramente,/ Como é dos fados grandes certo intento,/ Que por ela se esqueçam os humanos/ De Assírios, Persas, Gregos e Romanos” (Camões, 2024, p. 24). A seguir, no mesmo canto, Júpiter continua a falar sobre o futuro glorioso que aguarda os lusitanos, pois após os desafios, as conquistas são uma certeza, pois são definitivos e por isso o ainda desconhecido caminho a Índia lhe seria mostrado:

Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta Lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas águas têm passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.
(Camões, 2024, p. 25).

Após a exposição de Júpiter sobre os grandes Fados destinados aos lusitanos, os deuses, por ordem de hierarquia, respondiam. Dentre eles, Baco era o que apresentava completa discordância “[...] pela infâmia, que arreceia”, (Camões, 2024, p. 26), ou seja, sua motivação é provocada pela perda da reputação e pela apreensão da triunfante travessia marítima dos lusitanos através da chegada à Índia, nunca antes feita dessa forma. A situação o faz temer ter seus feitos ofuscados, afinal ele como deus, detentor de capacidades extraordinárias foi responsável pelo triunfo indiano na sua grande viagem do Oriente até a Índia. Por isso, movido pelo temor, Lieu expressa sua preocupação de ter seus feitos superados ao ouvir a menção de que um povo forte viria pelo mar ultrapassaria feitos antigos, como os dele, que ainda eram celebrados por Nisa, na cidade que ele fundara:

Ouvido tinha aos Fados que viria
 Uma gente fortíssima de Espanha
 Pelo mar alto, a qual sujeitaria
 Da índia tudo quanto Dóris banha,
 E com novas vitórias venceria
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
 Altamente lhe dói perder a glória,
 De que Nisa celebra inda a memória
 (Camões, 2024, p. 25).

Contudo, apesar da desaprovação de Lieu, a informação e decisão tomada por Júpiter obteve apoio da deusa Vénus, que muito estimava o povo português, e também do deus Marte, que se afeiçoava pela deusa do amor e, por isso, também apresentou apoio aos portugueses. A deusa do amor, em conjunto com o deus da guerra, convenceram Júpiter a não concordar com a oposição de Baco, porque segundo eles este não apresenta uma causa digna e fundamentava-se em inveja. Marte menciona no canto primeiro, que se a oposição de Baco não fosse sustentada por tamanha inveja, era esperado apoio e defesa da sua parte também, tendo em vista que aqueles navegantes descendem de Luso, o seu filho ou companheiro.

Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de estômago danado;
 Que nunca tirará alheia inveja
 O bem, que outrem merece, e o Céu deseja.
 (Camões, 2024, p. 27, grifos nossos.)

Posteriormente, no canto terceiro, é mencionado mais uma vez a relação de Baco com os lusitanos, estes parecem ser filhos ou companheiros do deus do vinho que são os progenitores da Lusitânia, “Esta foi Lusitânia, derivada/ De Luso, ou Lisa, que de Baco antigo/ Filhos foram, parece, ou companheiros,/ E nela então os Íncolas primeiros são dados como os primeiros habitantes da Lusitânia”. (Camões, 2024, p. 78). A inveja que rodeia o personagem vem acompanhada pelo reforço da dualidade, especialmente nesse caso, pois se espera que a relação entre os lusitanos e Baco os aproximem. Contudo, o autor utiliza suas características, para explorar criticidade através dos caprichos de um deus que era incapaz de aceitar a possibilidade de ser superado e esquecido.

Apesar da relação com os navegantes, ao sentir sua opinião desvalidada no concílio, se desagrada profundamente, pois não aceitava ter suas ideias contestadas; e, por isso, se transforma no terrível opositor. Segundo Silva (2012): “[...] Baco era impiedosamente cruel para com aqueles que se lhe opunham ou que condenavam os seus rituais, como aconteceu com Licurgo e com Penteu, enlouquecidos e horrorosamente mortos por ordem ou instigação de Baco.” (Silva, 2012, p. 60). Por esse motivo, independente da relação com os navegantes, o deus não aceita, de forma alguma, ser esquecido ou contestado e deseja derrotá-los, pois acredita ser o único merecedor dos cultos que conquistou na Índia. Em razão disso, ao ser contrariado, no canto primeiro, se mostra indignado com a possibilidade de um destino que o prejudica: “Hei de sofrer que o fado favoreça/ Outrem, por quem meu nome se escureça?” (Camões, 2024, p. 36). Por isso, insatisfeito com o jubiloso futuro português, Baco assume a responsabilidade de criar os empecilhos.

O personagem utilizado por Camões, apesar de ser uma figura divina, apresenta-se inseguro, característica que não se espera de um imortal. Em vista disso, Camões pode ter sustentado a característica insegura no seu personagem, porque a sensação de vulnerabilidade poderia ser explicada pela dualidade que persegue o deus desde o seu nascimento: o vínculo com mortais, que deriva de sua mãe. Isso poderia justificar sua atitude no concílio dos deuses, uma vez que Tioneu sentiu medo; por isso, teve a necessidade de reafirmar sua importância, provar seu valor e sua força como deus.

Baco, como filho de uma mulher mortal, é um deus ambíguo, inseguro do seu poder no concerto dos deuses olímpicos, que por isso mesmo invoca compensatoriamente a sua condição de “filho do Padre sublimado” e exalta, com vaidade narcísica, as suas “tantas qualidades generosas” (l. 74. 5-6). (Silva, 2012, p. 62)

Sua relação direta com os mortais pode justificar também suas ações. Motivado pelo medo da ambiguidade que o envolve, receia ter seu nome e seus feitos esquecidos. Além disso, receia que o povo lusitano, através de seus feitos, se tornem deuses e ele humano. À vista disso, como não consegue apoio no Olimpo tenta desesperadamente persuadir os deuses marinhos, utilizando-se do convencimento de que seu temor não era apenas individual, mas deveria ser também coletivo:

No discurso que eloquente e astuciosamente endereça aos deuses do mar reunidos em concílio, reitera a sua mágoa por ir ser desapossado das honras e glórias ganhas com os seus triunfos nas “terras indianas do Oriente” (VI. 32) e invoca uma injúria maior, que abrange todos os deuses, pois coloca em risco o seu estatuto e o seu poder divinos. O atrevimento e a ousadia de um pequeno povo que cometera “o mar com vela e remo” (VI. 29. 4) são o prenúncio de uma alteração radical da condição de deuses e da condição de homens, exprimindo o grão Tebano o temor de “que do Mar e do Céu, em poucos anos,/ venham deuses a ser, e nós, humanos” (VI. 29. 7-8). (Silva, 2012, p. 63).

Contudo, apesar da ligação entre Baco e o povo lusitano, como visto anteriormente, isso não é o bastante para impedir que esse se oponha aos Fados das vitórias marítimas lusitanas que resultaria na chegada à Índia. Isso permite encontrar ambivalência no personagem, pois este, apesar de apresentar conexão nítida com os lusitanos, manifesta-se de forma contrária ao esperado. Fortalecendo a ideia de dualidade que persegue o personagem, pois mesmo quando se espera apoio, ele se mostra contrário. Essa oposição exhibe que a escolha do autor pelo deus provoca uma reflexão quanto a sua perspicácia em aproveitar-se tão bem das suas características ambíguas e divinas

Destarte, aqui cabe o questionamento, por que o autor se utilizaria das críticas de Baco se o livro era destinado às glórias e ao alto merecimento dos navegantes portugueses? Para sanar a dúvida que essa pergunta gera, é necessário pensar na maneira que Camões utiliza seus personagens, utilizando-os como caminhos para expor sua consciência, sobre isso disserta Moisés:

[...] ao longo de todo o poema, percebe-se a presença de Camões, diluída, indireta, "dramática" (isto é, transferindo para as personagens da ação seus próprios sentimentos e frustrações), mas plena de verdade subjetiva e particular. Assim se explica que Camões tenha posto o máximo de sua inspiração poética nos episódios líricos (Inês de Castro, a Ilha dos Amores, o Gigante Adamastor, os Doze de Inglaterra, apenas para citar os principais): continham não a verdade própria do achamento dum caminho marítimo às Índias, mas a sua verdade íntima, profunda e intransferível de homem e poeta (Moisés, 1981, p. 74).

Dessa maneira, sabendo que Camões utiliza seus personagens para expor seus próprios sentimentos, por isso, pode-se imaginar que a figura de Baco, um personagem tão ambíguo e dissonante, possa ter sido proposital e a prova de que Camões não o escolheu por acaso, mas para expor outras verdades.

Em virtude disso, a escolha de um personagem ambíguo não parece estar por acaso no livro, assim como também não parece ser aleatória. Apoiando-nos nesse ponto de vista, presumimos ser possível uma análise acerca da voz dissonante do personagem Baco como potencial expositora de decolonialidade e da consciência crítica de Camões.

4. CAMÕES POETA CONSCIENTE

Se, por um lado, é possível observar que a ambiguidade de Baco revela seu temor, o que o torna o perfeito opositor; por outro, é possível notar que a mesma característica da sua personalidade pode revelar a criticidade do autor. Tioneu, apesar de ser o inimigo dos navegantes, pode ser observado como responsável pela interpretação crítica da realidade vivenciada pelos povos colonizados por Portugal.

Em primeiro lugar, para notar a criticidade que Camões buscava expressar por meio de Baco, e para entender como pode ser lida de forma decolonial é necessário compreender o conceito de decolonialidade. Para Mignolo (2019), a decolonialidade busca apontar que não existe uma única verdade, ela se fundamenta na ideia de pluriversalidade e em verdades plurais, a partir de outros pontos de vista:

A decolonialidade funciona com base na pluriversalidade e na verdade plural, e não na universalidade e em uma verdade única. [...] os primeiros movimentos da decolonialidade devem ser os da desvinculação. Em segundo lugar, ela deve trabalhar pela reexistência. Reexistir é algo diverso de resistir. Se você resiste, você fica preso às regras do jogo que outros criaram, especificamente à narrativa e às promessas de modernidade e da necessária implementação da colonialidade (Mignolo, 2019, p.6).

Portanto, em congruência com as ideias de Mignolo (2019), notamos que promover uma leitura decolonial de *Os Lusíadas* não apenas incentiva, mas também destaca a possibilidade de enxergar as verdades plurais, além das tidas explicitamente no poema. Por exemplo, embora o livro mostre que os lusitanos são um povo merecedor, ao observarmos as entrelinhas dos versos camonianos, é possível notar que também foram responsáveis pela destruição e crueldade nas colônias. Podemos perceber, por meio de Baco, a exposição do que resultou a busca egoísta por conquistas, que teve impactos profundamente negativos nas colônias.

Por isso, para ler *Os Lusíadas* de maneira crítica, é necessário notar que, por meio de Baco, pode-se notar a outra face da verdade, a história vivenciada pelas colônias. Contudo, é importante frisar que o livro não se faz crítico apenas por meio dos comentários de Baco, mas o poeta revela a sua consciência crítica também através do uso de outra personagem, o velho do Restelo, o qual apresenta também a presença marcante das reflexões do autor.

Camões constrói caminhos para mostrar que estava consciente quanto aos acontecimentos ao seu redor. No quarto canto, expõe, por exemplo, as inquietações do povo português diante da ideia de navegação, por meio do personagem nomeado por velho do Restelo. O autor expressa que a situação da saída dos nautas foi sofrida para aqueles que assistiam: “A gente da cidade aquele dia,/(Uns por amigos, outros por parentes,/Outros por ver somente) concorria,/ Saudosos na vista e descontentes.” (Camões, 2025, p. 127). O poeta, com o objetivo de enfatizar a ideia de sofrimento, dedica uma estância inteira para expor o desabafo de uma das mães dos navegantes, que estava descontente e preocupada com o possível futuro mortal de seu filho no perigoso mar, receando que morresse e se tornasse alimento para os peixes:

[...] Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigério, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vãs, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento!
(Camões, 2024, p. 127).

Da mesma forma, outras pessoas observavam: homens suspiravam temerosos, esposas e irmãs que assistiam à despedida das embarcações derramavam as lágrimas de seus olhos. Todos receavam não vê-los em breve ou até de nunca mais vê-los novamente. Camões tece detalhadamente um ambiente, do qual seja possível aproveitar para explorar suas percepções:

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c’um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam;
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.
(Camões, 2025, p. 127).

O autor expressa detalhadamente a inquietação daquela despedida e, por meio de uma marcante inflexão, ou seja, uma grande mudança de sentido no poema, inverte a lógica da narração. Através figura de linguagem hipotipose, o poeta apresenta minuciosamente participação de outro personagem importante para a construção da sua consciência crítica: o velho do Restelo, representado por um

senhor que desaprova as navegações ao observar a saída dos navegantes na cidade de Lisboa, nomeada por Restelo. Sua participação pode revelar tanto a presença de juízo e valor do autor, quanto a desaprovação dos lusitanos que observavam a partida.

O personagem é descrito como um senhor de idade avançada, característica que revela discernimento em relação ao que fala, sendo isso simbolizado pelo trecho “experto peito”: “Mas um velho d'aspeito venerando,/ Que ficava nas praias, entre a gente,/Postos em nós os olhos, meneando/ Três vezes a cabeça, descontente, / A voz pesada um pouco alevantando,/ Que nós no mar ouvimos claramente,/ C'um saber só de experiências feito,/ Tais palavras tirou do experto peito” (Camões, 2025, p. 128). O velho relata que a atitude dos navegantes expressa a irresponsabilidade de arriscarem-se em perigos marítimos: “Que mortes, que perigos, que tormentas, /Que crueldades neles experimentas!”(Camões, 2024, p. 128). E ainda menciona que eles já possuem poder suficiente e que, se desejam lutar, existem os Ismaelitas: “Não tens junto contigo o Ismaelita,/Com quem sempre terás guerras sobejas?” (Camões, 2024, p. 129). O velho do Restelo incita a reflexão quanto à cobiça e ao desejo pela fama e questiona se vale a pena deixar sua terra desprotegida, apenas motivados pelo objetivo fútil de procurar inimigos distantes em troca de ser conhecido por outras vitórias.

Através da participação do velho do Restelo, é possível observar o maior epifonema da épica, ou seja, o maior comentário do autor. Nele, é amaldiçoado até o homem que criou o primeiro barco, pois esse, de certa forma, contribuiu para tamanha irresponsabilidade e futuros desastres.

Ó maldito o primeiro que no mundo
 Nas ondas velas pôs em seco lenho,
 Dino da eterna pena do profundo,
 Se é justa a justa lei, que sigo e tenho!
Nunca juízo algum alto e profundo,
Nem cítara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória
 (Camões, 2024, p. 130, grifos nossos).

A parte principal dessa estância é a contradição, motivada pelo desejo de Camões de implodir a épica, pois é mencionado que não deve existir sequer um poeta que escreva uma memória gloriosa pela criação do barco. Isso revela contradição, considerando que essa crítica o atingia e também expressa a

sensibilidade do autor em notar as graves consequências das navegações. Essa sutil menção pode revelar que Camões não desejava limitar seu livro apenas à exaltação dos navegantes, mas também utilizá-lo para fazer críticas.

O poeta expõe duras verdades, por meio do velho do Restelo, das quais não escapou sequer o próprio rei, o qual também teve suas vaidades, crueldade e cobiça criticadas. Levando em conta que é expressa sua insensatez e desprezo pela vida dos navegantes, enquanto o próprio Cristo, que é capaz de conceder vidas, temeu perdê-la.

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidades
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá:
(Camões, 2024, p. 129, grifos nossos).

Estâncias como essas revelam um autor que enxerga a realidade criticamente, expondo seus perigos e atribuindo juízo de valor ao ato displicente do rei, que incentivou o envio de seus próprios homens aos perigos desconhecidos do mar e nomeou seus atos como esforço e valentia. É essencial levar em consideração que até mesmo uma figura tão importante e dominante como a do rei é alvo das críticas de Camões. Agora, após notar que o autor apresenta criticidade em vários momentos do livro, faz-se viável enxergar a criticidade do autor por meio de Baco. Dessa forma, se torna possível reconhecer outra leitura para o Tebano, como uma figura crítica. Tornando possível, por meio dessa interpretação, a leitura decolonial, tendo em vista que Baco revela as “verdades plurais”.

4.1 Outra leitura para Baco em *Os Lusíadas*: sua voz dissonante como potencial expositora de decolonialidade

Considerando, toda a criticidade que envolve o poema, a missão de enxergar Baco para além da figura de opositor, se torna cada vez mais viável de realizar-se. Levando em conta que todas as suas investidas e opiniões desfavoráveis em relação aos navegantes fazem parte da sua vilania, por outro lado, podem ser consideradas críticas; e Baco pode ser visto, possivelmente, como um potencial expositor de decolonialidade. Segundo Nóbrega (2012), para considerar que Baco pode cumprir uma função além da que lhe foi designada, como mero opositor, é necessário fugir da forte influência que a tradição crítica estabeleceu e fixar-se na possibilidade interpretativa da existência de funções complexas para o personagem:

Baco, ao contrário do que a tradição crítica estabeleceu, muito longe de se restringir à figura secundária, de função meramente retórica, do opositor vencido, desempenha n' *Os Lusíadas* um conjunto de funções de crescente complexidade, entre as quais sobressai, numa primeira instância, a de persona principal do sujeito poético, signo veiculador de sua pulsão dissidente, razão pela qual designei o segundo discurso como contradição de Baco (Nóbrega, 2012, p. 40).

A utilidade de um personagem diversificado e multifacetado, insere na épica uma utilidade além de ser responsável pelas discordâncias. Assim, além da sua função clássica, Baco torna-se, nessa perspectiva, o personagem que incita à reflexão sobre os impactos gerados pelas navegações.

Por isso, faz-se possível compreender que Baco através da sua dissonância expôs o cruel processo de colonização feito pelos portugueses. À vista da difícil realidade vivenciada pelos colonizados e reparando a maneira que Camões dispõe as falas do personagem Baco, de maneira reflexiva e crítica é possível remeter a maneira colonizadora violenta dos lusitanos. Um dos principais comentários de Baco que refletem a condição dos colonizados por Portugal está presente no canto primeiro; nele, é claramente possível notar o rastro da presença de criticidade:

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes cristãos sanguinolentos,
Que quase todo o mar têm destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,

E mulheres e filhos cativarem.

(Camões, 2024, p.37, grifos nossos).

Nesta instância, pode ser vista uma crítica fortíssima à maneira colonizadora portuguesa, possibilitando, assim, por meio de Baco a reflexão acerca das “verdades plurais” que aponta Mignolo (2019) ao tratar de decolonialidade. A partir desse ponto de vista, o leitor de *Os Lusíadas* pode enxergar o cenário desassossegador e brutal, pois Baco expõe os efeitos devastadores da colonização portuguesa. O trecho da estância acima: "quase todo o mar têm destruído" enfatiza a brutalidade que, segundo o personagem, são más ações premeditadas, tendo em vista que "trazem já de longe engano urdido". Desse modo, essa instância revela que os navegantes buscavam explorar descontroladamente e sem responsabilidade, atos que exibem e enfatizam que o processo exploratório durante as navegações não era uma consequência, mas um ato planejado. Por isso, a leitura crítica proporciona, nesse caso, uma interpretação decolonial e possibilita que o leitor possa sair da bolha épica e imaginar minimamente os desastrosos acontecimentos nas colônias.

A realidade árdua pela qual passaram os colonizados, como, por exemplo, os indígenas brasileiros, se aproxima perfeitamente da situação narrada por Baco no momento em que se mostra contrário aos Fados grandes que seriam destinados ao povo português durante a comédia dos deuses. Apesar de claramente *Os Lusíadas* não tratar a chegada ao Brasil nem focar em tais acontecimentos, os comentários de Baco parecem possibilitar essa compreensão. Desse modo, pode-se observar, nessa interpretação, que a estância acima a expõe criticamente à situação dos primeiros moradores do Brasil, possibilitando, dessa maneira, notar interdiscursividade entre o comentário de Baco e o trecho presente no livro de Marchant:

Os índios viram os portugueses apossar-se de suas mulheres, crianças, irmãs e irmãos; viram-nos atacar aldeias e cair sobre grupos de índios nos caminhos. Não possuindo recursos efetivos ou imediatos, nas leis ou nas armas, contra os portugueses, contentaram-se em desaparecer na floresta (Marchant, 1943, p. 158, grifos nossos).

O trecho acima se aproxima do que Baco expõe, pois retrata o que resultaram os enganos dos portugueses: cativo, destruição, violência sexual e desintegração familiar. Marchant (1943) revela a impotência dos indígenas frente às opressões

portuguesas, levando em conta que eram obrigados a aceitar o que não desejavam. Lutar seria mais um convite ao extermínio, tendo em vista que não possuíam recursos ou armas que ao menos se equiparassem às armas portuguesas, para, no mínimo existir uma batalha justa, mas nada foi justo no processo de colonização.

Nota-se que, assim, Baco reforça as características gananciosas dos portugueses, já citadas pelo velho do Restelo, pois além de conquistar por meio das navegações, estavam em busca de serem conhecidos por seus grandes feitos. Essas intenções estavam escondidas, porque não poderiam ser expostas, pois visavam apenas lucro, dominação e reconhecimento. Por isso, as primeiras estratégias consistiam em enganar para conquistar a confiança e, posteriormente, tudo aquilo que desejavam.

Apesar de ser o personagem que se apresenta discordante e contrário ao Fado lusitano, Baco expõe a realidade através de seus comentários, tendo em vista que, nessa perspectiva, enxergamos que seus argumentos apresentam coerência, pois neles podemos encontrar a exposição da realidade vivenciada pelas colônias de Portugal. O personagem revela que as intenções dos nautas, desde o início, são enganosas e são responsáveis por violências, roubos, destruição e manipulação.

O processo de colonização foi hostil e genocida; nele não ocorreu apenas imposição de cultura e religião. Foi um período de ocupação sangrenta, marcada por destruição de costumes e também de vidas. Trechos como os de Baco podem mostrar não apenas a dura realidade, mas também expõem a presença de um autor atento aos acontecimentos ao seu redor. Camões, por meio de Baco, expõe a má fama que perseguia os navegantes, tendo em vista que eram conhecidos por “gentes roubadoras” e que apesar de apresentarem boas e respeitadas intenções a realidade era completamente diferente:

[...] Lhe diz como eram gentes roubadoras,
Estas que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.
(Camões, 2024, p.37, grifos nossos).

Neste último exemplo, é possível reforçar que Baco expõe situações que realmente aconteceram nas colônias. Assim como narrado por Lieu, aconteceu na colônia portuguesa, o Brasil. Quando os navegantes “descobriram” o país,

desembarcaram na terra sem causar muito espanto ou gerar tumulto. Os primeiros contatos são marcados pelo que Baco considerou como “pactos de paz”: ou seja, quando os navegantes se interessam por algum material, não os tomavam por força ou faziam o uso de violência, mas os obtinham por meio do escambo, que consiste na troca de itens, dentre eles se destacava os espelhos e chapéus pela matéria prima dos indígenas. Tal comportamento se encaixa perfeitamente nos “pactos de paz” antes mencionados; contudo, posteriormente esses atos cedem o lugar para violências, roubos e escravização. Em congruência com os “pactos de paz” narrados por Baco, o professor Alexander Marchant escreve:

[...] deixou implícito que **o êscambo se limitava aos primeiros anos da vida** de todo estabelecimento colonial, e ficou a impressão de que esse escambo fôra pronta e completamente suprimido, como relação economica insatisfatória entre portugueses e índios. **A segunda, relativamente à escravização como meio de obter braços** (Marchant, 1943, p. 29).

Quando os “pactos de paz”, como o escambo, deixaram de ter o efeito desejado pelos colonizadores, cativo e escravização surgiram como resultado, porque os interesses dos lusitanos se resumiam a conquistas, sem se importar com os meios utilizados para conquistá-las. Para compreender a possível interpretação decolonial que pode surgir durante a leitura de *Os Lusíadas*, é necessário desenvolver um olhar mais atento a outras obras camonianas, a fim de tornar essa tarefa mais exequível. É importante estar atento também ao rastro que Camões deixa camuflado em outras obras. Tendo em vista que, nas *Oitavas*, é possível notar sua conexão compreensiva e até simpatia pelo personagem Baco, os versos que escreveu a D. Constantino, Viso-Rei da Índia, revelam que o autor compreende as queixas e conhece as obras de Baco, reconhecendo suas ações como altos feitos:

Rómulo, **Baco e outros que alcançaram
nomes de semideuses soberanos,
enquanto pelo mundo exercitaram
altos feitos e quase mais que humanos,
com justíssima causa se queixaram**
que não lhe responderam os mundanos
favores do rumor, justos e iguais,
a seus merecimentos imortais.
(Camões, grifo nosso).

Assimilar que Camões compreende as queixas de Baco abre espaço não apenas para compreender a sua utilização além de opositor, mas também para vê-lo

como responsável por exibir criticidade. O autor não escolhe o deus como opositor aleatoriamente, mas também porque, possivelmente, se identificava com a sua situação de desfavorecimento, levando em consideração que, apesar da sua importância para a literatura, não foi um poeta fortemente valorizado em vida. Nóbrega (2012), disserta que a menção compreensiva de Camões para com Baco nas *Oitavas*, revela uma prova de que o personagem pode assumir também, em *Os Lusíadas*, a função de seu representante crítico, sendo responsável por refletir também os esforços e as reflexões do próprio autor:

Se nas Oitavas o deus é citado com simpatia pelo poeta a propósito de sua própria condição de injustiçado, por que n'Os *Lusíadas* o ponto de vista seria diferente? Esta constitui, a meu ver, uma prova irrefutável de que a presença funcional de Baco n'Os *Lusíadas* responde a um intento deliberado de veicular, através dele, a resposta do poeta ao desafio que lhe foi lançado, quando o rei e a corte o excluíram, banindo-o para a Índia. Neste trecho vê-se, inequivocamente, o que para Camões significava Baco: ícone, porta-voz e paradigma dos *Lusíadas* desfavorecidos, injustiçados (Nóbrega, 2024, p. 42).

Sob essa perspectiva, Camões compreende que o deus pode representar os injustiçados (assim como ele mesmo). Em *Os Lusíadas*, o poeta desabafa sobre sua própria situação, sendo possível assimilar que Camões compreende as injustiças vivenciadas por Baco porque também sente na própria pele. O autor manifesta sua sensação de desvalorização e expressa ter destinado esforço e vários anos de sua vida para escrever um livro de louvor aos lusitanos e, em troca recebe desgostos, sofrimentos e doenças:

Olhai que há tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna mo traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavórcios inumanos,
Qual Canace, que à morte se condena,
Numa mão sempre a espada, e noutra a pena.
(Camões, 2024, p. 196).

Camões continua o epifonema, expressando seu desabafo profundo e sincero sobre sua penosa condição, porque, com uma mão, se disponibiliza para lutar por sua terra e, com a outra, louvar as conquistas lusitanas. Contudo, apesar de sua disposição franca, tudo o que recebe são sofrimentos. Dessa maneira, o autor reflete e expressa que sua pátria não o reconhece da maneira que ele merece, pois, apesar

do seu empenho em escrever a obra épica, esses versos não foram responsáveis pelo reconhecimento que ponderava merecer:

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
 Senão que aqueles, que eu cantando andava
 Tal prêmio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.
 (Camões, 2024, p. 196, grifos nossos).

O autor expressa sua sensação de vulnerabilidade enquanto anseia o descanso, reconhecimento e o desejo de uma vida ausente de tantas misérias. Frustrado, Camões mostra que se vê aprisionado naquela triste realidade, repleta de dificuldades. A condição de vida do autor colabora com a compreensão de Baco, pois seu desabafo se assemelha à situação do deus, narrada nas *Oitavas*, de modo que ambos apresentavam grandes feitos e esforços e, em troca, recebiam ingratidão, não sendo merecidamente reconhecidos por isso; com justíssima causa, se queixam.

Conhecendo agora o modo de pensar do autor em relação a Baco, apesar de ser exposto em *Os Lusíadas* como um personagem frequentemente movido pela inveja e receio de ser esquecido, o personagem pode se configurar como a projeção crítica do autor, o qual parece trabalhar cada detalhe perfeitamente e conscientemente, expressando informações que estabelecem leituras que favorecem essa interpretação.

Para Nóbrega, a presença de Baco é emblemática e exhibe identificação do autor e desejo de transformá-lo em signo poético:

A figura de Baco é convenientemente emblemática nesta prática mito-poético-política, da qual Camões estava cômico, e com a qual se alinhou, **escolhendo Baco por anti-herói d'Os Lusíadas porque com ele se identificava;** e porque pretendia, transformando-o em signo poético, veicular, não só a revolta provocada pelo seu próprio banimento, como ainda a heterodoxia postulada por seus pares, respondendo assim a um duplo desafio (Nóbrega, 2012, p.48, grifo nosso).

Uma análise focada nas possibilidades oferecidas pelo caráter multifacetado de Baco, retratado por Nóbrega (2012) como “convenientemente emblemática”, permite compreender que possivelmente foi usado por Camões de maneira mais

complexa. Ao ser utilizado como personagem da épica camoniana, a função de Baco possivelmente vai muito além de apenas ser a voz dissonante; ou seja, além de discordar, ele cumpre uma dupla função, possibilidade que todas as suas características ambíguas proporcionam. Assim, o deus do vinho pode cumprir a função de representar e expor criticidade e, de modo semelhante, pode expor também as inquietações de Camões, pois o autor parece moldar o personagem a fim de que sua função transcenda seu uso literário. Nessa leitura, o poeta busca adaptar Baco de maneira que ele reflita também suas próprias preocupações, pois ao que parece Camões se identificava com o deus. Por isso, entregou-lhe uma função além da de cruel opositor. Dessa maneira, o esforço do personagem para não ser esquecido e a busca pelo reconhecimento refletem também a preocupação do próprio poeta.

Considerando todos os elementos apresentados e que esses encaminham que Camões utiliza seus versos e seus personagens para também exibir seus pensamentos, é necessário deixar de lado a visão meramente antagônica de Baco e agora entregar-lhe uma função crítica, pois, através disso, podemos enxergar a outra face portuguesa. Apesar de não ser o único personagem que apresenta criticidade, o deus do vinho, diferente do velho do Restelo, não apresenta críticas ou preocupações para com os navegantes, mas revela, por meio da sua dissonância, o impacto das navegações e da violenta colonização. Dito isso, interpretações como essa permitem que, por meio de Baco, seja compreensível observar, durante a leitura de *Os Lusíadas*, o panorama sombrio da colonização.

Dessarte, o foco do trabalho está apontado para a opinião contrária de Baco quando este explora no seu discurso a situação vivenciada pelos colonizados, sendo possível observar o apagamento da voz dos colonizados no livro. Por meio dessa leitura, faz-se viável enxergar a potencial exposição crítica colonial, pois, apesar de o personagem discordar da travessia marítima dos lusitanos, motivado por interesses próprios, ele expressa situações reais do período colonial.

A carta do descobrimento do Brasil, escrita por Pero Vaz de Caminha para o rei de Portugal, Dom Manuel I, revela que os argumentos de Baco não são meramente discordâncias fundadas em suposições: “E imprimir-se-á facilmente neles todo e qualquer cunho que lhes quiserem dar, [...] E portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à santa fé católica, deve cuidar da salvação dele.” (Castro, 2019, p. 94). É possível nesse trecho compreender a falta de respeito à

cultura dos colonizados por parte dos portugueses, que apenas os observava como objetos de absorção das suas imposições de valores e crenças.

Antes de toda a violência que viria a ser praticada, os colonizadores se interessavam em controlar, impor sua religião, e conseqüentemente sem que notassem aos poucos apagar suas culturas, de modo que quando percebessem muito já estaria perdido. Além disso, quando posteriormente surgiram revoltas eram silenciados por meio de retaliações cada vez mais violentas.

Dessa forma, a leitura crítica de *Os Lusíadas* se faz indispensável, pois apenas assim é possível compreender a pluralidade das verdades de outras realidades. E isso pode ser feito por meio de Baco, que, em seus argumentos apresenta a mesma causa para a não aceitação e justificativa para desconfiar dos portugueses. Repetidamente, suas ideias convergem em considerar os navegantes lusitanos ladrões, enganosos, destruidores e violentos, sendo os responsáveis também pela sensação de falta de segurança dos colonizados.

No canto sexto, o deus menciona que os portugueses “o mundo todo doma”, uma simples escolha como a de um verbo, pode indicar criticidade, tendo em vista que o verbo domar segundo o dicionário Michaelis significa: “Tornar manso e obediente por meio de força bruta [...]”, maneira pela qual foi feita o processo de colonização. Em primeiro lugar os portugueses buscavam ganhar a confiança dos habitantes que viriam a ser colonizados, isso enquanto essa prática apresentasse utilidade e lucratividade. Quando essa prática perdeu a serventia e os colonizados passaram a recusar-se a sujeitar-se àquela situação, a simples solução tomada pelos colonizadores foi de controlá-los por meio de força bruta para conquistar o que desejavam. Portanto, a sutil escolha como a do verbo “domar” pode encaminhar e sustentar a ideia de um autor que buscava censurar e expor alguns fatos reais através do uso de Baco.

O deus do vinho, representa a voz insurrecta em suas participações; sua presença instiga reflexão quanto a sua tentativa de mudar o inevitável. Dessa atitude, pode-se tirar relevância crítica quanto à situação dos colonizados, a situação reforça que ainda há mais detalhes encobertos para se descobrir no poema. Segundo Nóbrega (2012), existem ainda ideias que um terceiro olhar é capaz de revelar, pois as palavras que apresentam grande magnitude e relevância para com a realidade ainda estão imersas discretamente:

Diz-se que sobre Camões já se descobriu tudo, dentro do limite imposto pela documentação disponível. Mas um terceiro olhar sobre os fatos comprovados da vida deste poeta, tentando, mais que perscrutar sua biografia, esclarecer a circunstância verdadeira de que irrompe *Os Lusíadas*, iluminará pontos ainda obscuros quanto ao seu texto e contexto (Nóbrega, 2012, p. 38).

Por isso, embora escrito há muitos anos, e apesar dos críticos alegarem que *Os Lusíadas* já teve todas as suas ideias exploradas e compreendidas, Nóbrega (2012), afirma que existe grandiosa complexidade que ainda rodeia o poema épico e que, por esse motivo, se faz ainda muito atual e pertinente ao seu estudo.

Cabe ressaltar ainda, que a obra camoniana destaca-se pela sua capacidade de transitar por temas paradoxais e, ao indagar sobre suas reflexões e descontentamentos, Camões consegue trazer as ideias ainda atuais. O autor ao embeber seus personagens em suas angústias e pensamentos críticos, atinge, assim, a moralidade do homem. Por isso, apesar de não existirem discussões sobre decolonialidade na época em que *Os Lusíadas* foi escrito, o personagem e a forma que Camões escolhe explorá-lo sugerem as críticas que desejava fazer, levando em consideração que Baco era um deus tradicionalmente é associado à celebração e ao excesso de prazeres. Contudo, Camões o utiliza em uma posição de insatisfação e reflexão. Isso se justifica a partir da compreensão de que, possivelmente, desejava se apoiar na ambiguidade do deus, que, apesar de ser festivo, não aceitava discordância ou a possibilidade de ser esquecido. Assim, apesar de ser apresentado como um vilão, Camões ressignifica o deus e possibilita, na sua função de opositor cruel, a utilidade, de possivelmente, de expor criticamente a maneira da exploração colonial portuguesa.

Com isso, revela-se que a obra camoniana se faz fortemente pertinente ao passar dos anos e, dessa forma, reforça a importância de ser estudada, pois possivelmente ainda há o que se descobrir. Em razão de que Camões, além de apresentar temas pertinentes, adequa-se e reflete sobre desafios comuns à humanidade, e isso gera profunda importância e conexão. Sobre isso, discorre Saraiva:

A arte com que narra uma curta história[...], ou estiliza o discurso interior[...], ou desenvolve musicalmente[...], como que sem discurso[...], um tema tradicional[...], ou discorre de modo reflexivo[...], fazem de Camões, pela diversidade do registro, pelo poder de síntese, pela fluência, pela adequação exata a um sentir que se está pensando ou a um pensar que se

está sentindo o maior poeta português antes de Fernando Pessoa (Saraiva, 2001, p. 314).

Por conseguinte, as reflexões camonianas do livro *Os Lusíadas* se revelam atemporais, pois a sua literatura representa questões universais que não dizem respeito apenas ao autor, mas também questões reflexivas. O trecho de Saraiva (2001) destaca essa capacidade do autor de encaixar e adequar os seus sentimentos para representar também as angústias que permeiam a humanidade. Por isso, Saraiva (2001) remete a Camões o título de maior poeta português antes de Fernando Pessoa, outro importante nome na literatura portuguesa.

Dessa forma, as obras de Camões mantêm sua importância, pois, quase meio milênio depois de seu lançamento, foi possível observarmos e absorvemos uma leitura crítica da sua obra, reforçando assim a atemporalidade e a profundidade da sua riqueza literária. Por esse motivo, envolver-se profundamente no estudo não apenas de *Os Lusíadas* é uma oportunidade de conhecer não apenas o seu valor literário, mas também conhecer suas nuances.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa perspectiva, nosso trabalho teve como objetivo desenvolver a leitura crítica da epopeia *Os Lusíadas*. Para que isso fosse possível, apoiamos-nos na ambiguidade da figura de Baco, para tratá-lo como um possível expositor de decolonialidade e da consciência crítica do autor. A análise crítica que apresentamos permite sugerir que Camões, apesar do seu nacionalismo, era um poeta consciente, observador, atento e reflexivo.

Apesar de Baco ser frequentemente associado às festividades, o poeta utiliza o deus romano do vinho, sob nosso ponto de vista, como figura crítica. Essa interpretação pode revelar que a dissonância do personagem convida à reflexão.

Por isso, *Os Lusíadas* é um grande exemplo de como a escrita pode se manter pertinente; por mais que seu escritor fosse um homem pertencente ao século XVI, o poema transcende gerações e contextos históricos. Tendo em vista, que apesar da obra ter sido planejada em um período de explorações marítimas, a presença da consciência crítica do autor permitiu que, cinco séculos depois, observássemos que o personagem Baco poderia ser expositor de decolonialidade.

Embora a análise não se fundamente na leitura tradicional, na qual a exaltação das conquistas é predominante, a possibilidade de realizar uma leitura épica não é problemática, tendo em vista que, de fato, o objetivo principal de Camões era louvar os lusitanos. É importante reconhecer que realizar a leitura de forma épica, permite enxergar a essência do poema.

Por isso, ler a obra de maneira tradicional, focando na exaltação das conquistas, permite que os leitores se conectem com as sensações dos navegantes, o medo de aventurar-se no novo e também de compreender os empecilhos que surgiam durante a viagem, dos quais podem-se citar todos perigos e doenças, como o escorbuto. Da mesma maneira, pode-se também, durante a leitura épica e tradicional, apreciar a cultura lusitana, o amor à pátria, a coragem dos navegantes e a beleza dos versos camonianos.

No entanto, ao adotar uma abordagem crítica, podemos questionar e expandir o entendimento. A obra não precisa ser limitada à glorificação das conquistas; ela também pode ser vista como um espaço de reflexões mais profundas sobre o impacto dessas ações. Ao olharmos essa obra sob uma lente contemporânea, percebemos que ela ainda apresenta debates atuais. Dessa forma, a leitura crítica

permite apreciar Camões não apenas como um poeta que louva os feitos lusitanos, mas como um pensador que, em sua complexidade, nos oferece a chance de revisitar o poema com um olhar crítico e questionador.

Por fim, concluímos que a leitura crítica reafirma a potencialidade literária de *Os Lusíadas*, pois essa abordagem não permite apenas enriquecer a nossa análise, mas também proporciona uma compreensão de que, ao observar a obra além do seu sentido épico e a partir do ponto de vista crítico, o poema cede espaço para outras interpretações.

REFERÊNCIAS

BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia Histórias de Deuses e Herois*. Editora Ediouro, 2010, p. 161-166.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Oitavas*. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/camoes67.html> Acesso em 31. de jul. 2025

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Editora Martin Claret. 2024.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Sonetos*. Editora Principis. 2019.

CASTRO, Sílvio. *A Carta De Pero Vaz De Caminha - O Descobrimento Do Brasil*. Editora L & PM Pocket. 2019.

Significado do nome Baco. *Dicionário de nomes próprios: significado dos nomes*. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/baco/> Acesso em 23. de jul. 2025

MARCHANT, Alexander. *Do escambo à escravidão: as relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil, 1500-1580*. Brasiliense, 1943.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. Editora Cultrix, 1981.

NÓBREGA, Luiza. *Camões e Baco: a exclusão e dissidência como agentes genético-semânticos n'Os Lusíadas*. *Abril: Revista do Estudos de Literatura Portuguesa e Africana-NEPA UFF*, v. 4, n. 8, p. 35-50, 2012.

SARAIVA, A. J. e LOPES, O. *História da Literatura Portuguesa*. 17a Coimbra, Porto Editora, 2001.

SARAIVA, António José. *Para a história da cultura em Portugal*. Europa-America, 1972.

SILVA, Vitor Aguiar E. *Dicionário de Luís de Camões*. Leya, 2012.